

Assentados do *lado de fora*: relações sociais em movimento

Arnaldo José Zangelmi

Doutorando em Ciências Sociais: desenvolvimento, agricultura e sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Endereço para correspondência: Rua Silvio Maranha, 20, ap.102. Bairro Estaves.

Leopoldina/MG. 36700-000

arnaldozan@yahoo.com.br

Fabrizio Roberto Costa Oliveira

Doutorando em Ciências Sociais: desenvolvimento, agricultura e sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Endereço: Av. José Barcelos 623. Vila Militar. Ipatinga-MG. CEP. 36164-069

frcoliveira@yahoo.com.br

Introdução

O Assentamento Aruega (Novo Cruzeiro/MG) surgiu à partir da ocupação da Fazenda Aruega, que ocorreu em 1988. Essa ocupação foi a primeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) em Minas Gerais e, a partir de seus desdobramentos, se tornou referencial para as ações de luta pela reforma agrária na região. Com a participação de cerca de 400 famílias de vários municípios da região dos vales Jequitinhonha e Mucuri, esse processo de mobilização envolveu atores coletivos tradicionais e inovadores e trouxe importantes transformações no contexto local, colocando em xeque uma pretensa estabilidade das relações sociais no meio rural da região.

A partir dessa ocupação, foram desencadeados novos processos de relações sociais, que envolveram a interação entre grupos comunitários rurais mobilizados; mediadores de movimentos sociais; autoridades dos poderes executivo, legislativo e judiciário; e comunidades rurais e urbanas já estabelecidas tradicionalmente no município de Novo Cruzeiro. Essa trajetória, tensa e conflituosa, envolveu principalmente, pelo seu caráter cotidiano e concreto, relações intensas entre a população local estabelecida no Município e o grupo de trabalhadores rurais mediado pelo MST, o que nos levou a buscar um aporte teórico capaz de contribuir no esclarecimento e aprofundamento dessas interações ao longo do tempo.

Nesse sentido, consideramos relevante lançar mão de algumas das reflexões de Norbert Elias sobre relações de poder e, em espacial, suas discussões sobre a relação estabelecido-outsider. Suas reflexões são importantes para estudos desse gênero por sua ênfase nos aspectos processuais e relacionais da vida social, o que traz aprofundamentos reveladores sobre trajetórias em que a dimensão de tempo de estabelecimento e socialização dos atores é fundamental.

No próximo tópico iremos apresentar sucintamente algumas reflexões sobre o poder em Elias, tendo atenção especial em suas discussões sobre a relação estabelecido-outsider. Em seguida discutiremos o processo vivido em Aruega e em que medida as reflexões de Elias contribuem para o entendimento mais profundo sobre as relações entre os integrantes de Aruega e a sociedade estabelecida previamente na cidade de Novo Cruzeiro. Por fim, faremos algumas considerações finais no sentido de tentar interpretar as implicações mais amplas dos resultados obtidos ao longo dessas discussões.

Algumas considerações sobre o pensamento de Norbert Elias

A produção intelectual de Norbert Elias valoriza o caráter processual dos fenômenos sociais, numa forte crítica à visão puramente estática e sistêmica, que o autor atribui principalmente a Parsons (ELIAS, 2006). Assim, buscando respostas para compreender a vida social num conjunto de transformações, muitas vezes de longo prazo, Elias confere, em diálogo com a história, a dimensão de tempo como central em suas reflexões.

Outro ponto central de sua contribuição está no fato de pensar os elementos sociais de forma relacional (CHATIER, 2001), constituídos pelo contraste e interação com os outros, o que deu centralidade aos seus conceitos de *interdependência* e *equilíbrio*. Assim, as dependências mútuas, os conflitos, as tensões entre poderes, em perspectiva diacrônica, são considerados constitutivos da sociedade.

Também é importante mencionar que, na sua visão, estudos específicos sobre realidades concretas têm forte potencial em mostrar realidades mais amplas, o que situa a comparação como estratégia analítica fundamental de seu pensamento. Nessa perspectiva, Elias tece críticas á perspectiva historicista, dos

séculos XIX e início do XX, cuja figura de Ranke é central, e se aproxima da visão histórica da Escola dos *Annales*¹ (*Ibidem*).

Nesse sentido, o conceito de *figuração* - enquanto formação social específica, constituída por dependências recíprocas, num equilíbrio móvel de tensões - se torna válido para comparações entre realidades concretas. Assim, para aprofundar nossa compreensão sobre os processos constitutivos das relações sociais no Assentamento Aruega, se tornou revelador lançar mão das discussões de Elias sobre uma *figuração*, retratada na obra *Estabelecidos e Outsiders* (2000).

Nesse trabalho, Elias discute o contraste entre dois grupos de trabalhadores de Winston Parva, um estabelecido na região há cerca de duas ou três gerações e outro formado na vizinhança por residentes mais novos, denominado pelo primeiro de "outsider". O autor demonstra como o grupo estabelecido estigmatizou os forasteiros, rotulando-os como pessoas de "menor valor humano" (p. 19), desordeiros, indignos de confiança e "sujos". Como afirma:

Recusavam-se a manter qualquer contato social com eles, exceto o exigido por suas atividades profissionais; juntavam-nos todos num mesmo saco, como pessoas de uma espécie inferior. Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como 'os de fora' (p. 20)

Os estabelecidos justificaram assim seu poder, status e dominação, se representando como de maior valor, virtuosos e portadores de um "carisma grupal". Evitaram ao máximo, então, contatos com os "outsiders", utilizando mecanismos materiais e simbólicos de exclusão, como o domínio dos cargos, a fofoca, rigidez moral, etc. Segundo o autor:

Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (as leis e as normas dos estabelecidos), mas também como não sendo particularmente limpos (p. 29)

¹ A Escola dos *Annales* foi um movimento historiográfico que se constituiu no início do século XX à partir das discussões em torno da revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Essa escola criticou fortemente a visão historicista, que via a história como narrativa dos feitos militares e políticos - sempre específicos, incomparáveis, não generalizáveis - dos grandes homens da nação, definindo assim uma identidade nacional memorialista. Em contraste, os *Annales* colocaram a comparação como estratégia central, buscando regularidades nas várias esferas da vida cotidiana que pudessem ser explicadas pelo discurso histórico, assim mais próximo de uma Ciência Social.

Nessa estigmatização, os estabelecidos focaram sua atenção no “pior” dos forasteiros, nos indivíduos mais passíveis de serem julgados anômicos. Inversamente, constroem sua auto-imagem com base em seus “melhores”, pessoas mais integradas, rigidamente regidas por laços coesos e normativos (p.22). Sendo assim, fazem generalizações à partir da seleção dos indivíduos que melhor representam sua visão sobre esse contraste entre si e os outros.

Nesse processo, os forasteiros passam a aceitar essa identidade imposta, resignados e envergonhados, se considerando deficientes e inferiores. Porém, essa não é uma relação estática, pois, quando muda o equilíbrio de poder, os forasteiros tendem a retalhar, contra-estigmatizando. Comumente, com essa mudança, surge um descompasso entre a noção de superioridade dos estabelecidos e sua inferioridade de poder no novo contexto, configurando-se uma negação traumática e autodestrutiva para esse grupo. Como afirma o autor:

A abordagem de uma figuração estabelecidos-outsiders como um tipo de relação estática, entretanto, não pode ser mais do que uma etapa preparatória. Os problemas com que nos confrontamos numa investigação como essa só se evidenciam quando se considera que o equilíbrio de poder entre esses grupos é mutável e compõe um modelo que mostra, pelo menos em linhas gerais, os problemas humanos - inclusive econômicos - inerentes a essas mudanças (p. 36)

Elias enfatiza que não existiam diferenças significativas entre esses grupos do ponto de vista étnico, profissional, nacional, renda ou educação. Muitas vezes a relação estabelecido-outsider não tem sua influência nitidamente visível por ser ofuscada por essas diferenças. Porém, no caso estudado é perceptível sua importância, pois a principal variação entre os grupos é a “antiguidade da associação” (p.21).

Essa questão é fundamental na medida em que Elias salienta que o grupo estabelecido tinha uma grande coesão (familiar, comunitária), uma arma simbólica importante que lhe conferia poder contra os forasteiros que, a princípio, mal se conheciam entre si. Assim, o grupo antigo reserva para “os seus” os cargos na escola, no clube, conselho, etc., mostrando uma maior capacidade de serrar fileiras contra os vizinhos. Segundo Elias:

Por terem vivido juntas bastante tempo, as famílias antigas possuíam uma coesão, como grupo, que faltava aos recém-chegados. Ligavam-se pela intimidade competitiva e ambivalente que caracterizava os círculos de ‘famílias antigas’ por toda parte, sejam elas da aristocracia, da alta

sociedade urbana, da pequena burguesia ou, como nesse caso, da classe operária. (p. 38)

Esse processo descrito e analisado por Elias demonstra o quão fundamental é a questão do processo de relações sociais entre um grupo para o estabelecimento de suas interações. O poder que o tempo de desenvolvimento de um grupo confere - pela integração que proporciona, pelas ações grupais que direciona em determinado sentido - é definidor de suas relações de poder externas. Os estabelecidos passaram juntos por um processo grupal, o que os permitiu um "estoque de lembranças" (p.38), um passado e uma memória em comum, identidade importante na construção de uma conduta que beneficie o grupo.

Os forasteiros, vistos como descumpridores das normas, aparecem para os estabelecidos como ameaças a essa coesão e estilo de vida constituído. Os estabelecidos consideram que os "outsiders" podem os contaminar. É o temor da "infecção anômica" (p.26), associada à idéia de "sujeira" do "beco dos ratos", que faz com que estabelecidos repreendam, com perda de status, seus integrantes que se aproximem dos forasteiros. A rigidez moral interna é fundamental para a manutenção do status grupal dos estabelecidas e, por isso, é defendida rigorosamente.

Para ele, essa análise micro, ao focar nas minúcias de um contexto preciso e concreto, pode refletir um tema humano universal, como salienta ao comparar esse caso com contextos diversos como Atenas Clássica, Japão, Índia, etc. Segundo Elias:

Assim, nessa pequena comunidade, deparava-se com o que parece ser uma constante universal em qualquer figuração de estabelecidos-outsiders (...).Pode-se construir um modelo explicativo, e, pequena escala, da figuração que se acredita ser universal - um modelo pronto para ser testado, ampliado e, se necessário, revisto através da investigação de figurações correlatas em maior escala. Nesse sentido, o modelo de uma figuração estabelecidos-outsiders que resulta da investigação de uma comunidade pequena, como Winston Parva, pode funcionar como uma espécie de 'paradigma empírico'. Aplicando-o como gabarito a outras configurações mais complexas desse tipo, pode-se compreender melhor as características estruturais que elas têm em comum e as razões por que, em condições diferentes, elas funcionam e se desenvolvem segundo diferentes linhas (p.20-21)

A procura de Elias, nessa abordagem, não é por parâmetros numéricos, mas pela análise de comportamentos, práticas e discursos constitutivos da vida social. Sua suposição é de que

“grupos minoritários podem ter uma significação sociológica que ultrapassa em muito sua importância quantitativa” (p. 119).

Entretanto, não queremos dizer que os dados estatísticos estejam à margem das análises eliasianas, já que ele mesmo afirma que “a estrutura teórica de uma sociologia de configurações e do desenvolvimento deixa naturalmente um espaço para os inquiridos estatísticos” (ELIAS, 2005, p. 144). Sua ressalva é o fato de que atualmente as exigências estatísticas acabam ditando:

o modo como os sociólogos põem as suas questões. Frequentemente, o tipo de estatística apenas se presta à investigação do comportamento de muitos indivíduos separados, imaginando-os como sendo absolutamente independentes uns dos outros (ELIAS, 2005, p. 144)

Sua análise baseia-se na relação interativa e não na compreensão dos indivíduos e grupos como entes separados. Para eles, “nenhum desses grupos poderia ter-se transformado no que era independentemente do outro. Eles só puderam encaixar-se nos papéis de estabelecidos e outsiders por serem interdependentes” (p. 181).

Muitas vezes também as ações não são calculadas, em termos de meios e fins. No caso de Winston Parva, Elias e Scotson (2000) acreditam que:

os dois lados agiram sem refletir muito, de um modo que seria previsível. Simplesmente por se tornarem interdependentes como vizinhos, eles foram colocados numa posição antagônica, sem entender muito bem o que lhes estava acontecendo e, com toda certeza, sem que tivesse culpa disso (p.173).

Como salientado anteriormente, Elias pensa essas relações em perspectiva temporal, o que direciona nossa atenção para as transformações nos equilíbrios de poder. Como afirma:

As transformações na “balança” de redes de interdependências são importantes para pensarmos nas questões que se referem ao processo histórico, já que a partir de um determinado estágio de desenvolvimento, a partir de uma determinada duração, densidade e solidez das redes de interdependências, altera-se de um modo específico o tipo das coerções que os homens estabelecem entre si” (ELIAS, 2001: 225).

Elias utiliza uma metáfora, a do bumerangue, para representar as transformações nas relações de poder e, por sua interdependência, o novos contornos que essas relações - muitas

vezes naturalizadas, vistas como absolutas, eternas - podem tomar, subvertendo formas de dominação. Para Elias, a crescente interdependência dos setores da humanidade intensificou as lutas e conflitos sociais e ainda não se aprendeu a lição de que “num mundo cada vez mais interdependente, a dominação de um setor da humanidade sobre os outros está fadada a ter um efeito de bumerangue” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 34).

Com base nessas reflexões de Elias, abre-se espaço para se pensar uma relação social mais ampla, típica de processos de socialização desse gênero, em que, como vamos argumentar, pode contribuir no entendimento sobre o processo ocorrido no hoje Assentamento Aruega.

Processos de relações sociais em Aruega

Em todas as entrevistas realizadas², estiveram bem claras as dificuldades de socialização entre os integrantes de Aruega e a população já estabelecida em Novo Cruzeiro. Os assentados enfatizaram que houve um grande temor e aversão das pessoas da Cidade em relação à ocupação e, posteriormente, ao Assentamento, que era visto como um reduto de bandidos, desajustados, de má índole e arruaceiros. Segundo depoimento de uma assentada, esse tensão era vivida e percebida cotidianamente:

Nóis percebia porque quando nós ia...porque sempre a gente ia na Cidade, né... porque quando nós ia e quando, assim, que a gente tava aqui tamém, tinha gente lá que fechava até a porta quando ovia falá que nós veio pra lá. Fechava a porta com medo. Falava que nós era um bocado de, um bocado de assartante, né, não sei o que...Pensava um monte de coisa ruim de nós, né. E seno que nada disso, Ave Maria!, nada disso nós num era.(...) Se pensasse, assim, se pensasse as vezes da gente levá lá uma criança pra consurta e não desse tempo da gente vim embora, tivesse que ficá durmino lá, tinha que falá com o padre, por que, não seno o padre...e o sindicato, ninguém... Eles tinha o maió medo da gente!³

Esse depoimento nos mostra como essa aversão e temor se expressava em relações concretas, como na necessidade de dormir na Cidade, ser recebidos nas casas e estabelecimentos. O relato de um jovem do Assentamento, FB, também nos mostra as dificuldades

² Essas entrevistas foram realizadas como parte da coleta de dados para a pesquisa de mestrado em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, entre os anos de 2005 e 2007.

³ Entrevista cedida por EV, 53 anos, assentada, no dia 06 de julho de 2005.

nessa relação, principalmente por que, nesse caso, se trata de suas percepções na infância, marcadas pelos riscos e angústias frente ao repúdio dos estabelecidos:

Deu uma repercussão muito grande. Uma porque o Prefeito na época era contra, então... Isso aí... Nossa Senhora! Se falasse que era de Aruega meu filho... era até pirigoso bate na gente! A gente já tava ficano meio veio e pai preocupado pra estudá., aqui não tinha escola ainda. Nós fomo pra Novo Cruzeiro estudá, chegava lá e perguntava: “—Cê mora onde?”. “—Ah, moro em Novo Cruzeiro memo”. Se falasse que morava aqui em Aruega... Ih, ta loco! A gente pra comprá as coisa pra come, só tinha um cara em Novo Cruzeiro que fornecia pra gente. E era só com dinheiro tamém. A vista. (...). Com certeza isso em Novo Cruzeiro foi difícil.⁴

Os assentados consideram que - com a gradual saída dos principais mediadores da ocupação e dos excedentes⁵ e a conquista definitiva da terra - a relação com a Cidade foi se modificando e Aruega passou a ser mais aceito. Vários depoimentos apontam no sentido de uma relação mais amigável:

Nunca mais eu ouvi falá em confusão. Ninguém de Novo Cruzeiro, eles gosta muito do povo aqui. A gente chega lá pra gente comprá as coisa, tanto assim cereais, que nem móveis, qualquer coisa, eles fica doido prá gente fazê crédito com eles. Quase todo mundo... A gente gosta muito do povo de lá e o povo de lá gosta muito da gente. E eles confia. Hoje em dia eles confia demais na gente, confia muito. (...) E tenho certeza que eles tamém gosta do povo aqui muito. É sempre apegado com a gente, né. As professora mesmo que trabaia aqui tem uma amizade com a gente que fáiis dó, viu. (...) a comunidade, a diretora. (...) Oh! Agora meu fio... E eles memo conta, fala que não sabia. Eles num conhecia, nunca tinha vido. Então a gente cai na realidade tamém, né, porque, uma coisa que a gente nunca viu, né. A primera veis fica assombrado mesmo. E diz que tinha gente que falava prá eles que o povo aqui comia gente. Ói! (risos)(...) Ô meu Deus do céu!⁶

As relações passaram a ser mais amigáveis, principalmente no comércio e por meio de instituições públicas como a Escola Estadual de Aruega, um ponto de contato importante entre esse grupos, que reúne alunos, professores e funcionários da Cidade e de Aruega. EV, que cedeu o depoimento anterior, é funcionária da Escola e

⁴ FB, 22 anos, assentado, em 7 de julho de 2005.

⁵ Das cerca de 400 famílias que fizeram a ocupação, apenas 25 foram assentadas em Aruega. O restante foi para outras ocupações do MST em Minas Gerais, a partir de 1991.

⁶ Entrevista cedida por EV, 53 anos, assentada, no dia 06 de julho de 2005.

considera a relação com professores muito boa, quando comparada com a época em que se pensava que se “comia gente” em Aruega.

Nesse depoimento, assim como em muitos outros, aparece também a idéia de que o desconhecimento do que era uma ocupação de terra foi um fator importante para essa aversão dos grupos estabelecidos. Essa aversão inicial teria sido encoberta gradualmente por aproximações que mostraram o “valor humano” dos assentados:

Hoje eles são conscientizado por que que nós acupamo essa terra aqui. Por que eles foro caí na realidade...Por que a Reforma Agrária é agora. Eles não entindia, não sabia que ia acontecê a Reforma Agrária, nunca no estado de Minas. No início nós não tinha o apoio do prefeito nada, nada, nada⁷.

Note-se que dois processos descritos por Elias podem estar presentes aqui, pois, por um lado, existe um novo “equilíbrio de poder” em que as lutas sociais pela reforma agrária passam a ser cada vez mais aceitas na sociedade brasileira em seu processo de redemocratização⁸ e, por outro, Aruega passa a ter também um “estoque de lembranças”, trazido pelas relações construídas no processo de mobilização, o que aumentou a coesão grupal e suas possibilidades de ação conjunta sobre a realidade local (ZANGELMI, 2007).

Separar analiticamente esses processos é revelador, pois percebemos que a suposta visão positiva de Aruega destoa da visão mais geral que parte da população de Novo Cruzeiro tem sobre o MST, ainda visto como uma organização criminoso. Nesse sentido, os integrantes de Aruega aparecem mais como “regenerados” do que como pessoas de quem o valor humano foi ofuscado pelas circunstâncias.

Outro ponto revelador é que, em depoimentos de pessoas exteriores ao Assentamento, mas que consideram ter boas relações com os assentados, existe a forte percepção de que, apesar de mudar de conteúdo, a estigmatização prevalece. VD, professora em Aruega desde 1991, relatou como resolveu aceitar lecionar no Assentamento:

⁷ Entrevista cedida por CV, 62 anos, liderança, assentado, em dia 08 de julho de 2005.

⁸ Em vários depoimentos observou-se a idéia de que hoje em dia a busca pela reforma agrária é bem mais aceita, retratada na imprensa, nas discussões parlamentares, etc.. Soma-se a isso o fato de Aruega aumentar seu poder local, tanto político, pelo seu peso nas eleições municipais, quanto econômico na organização de compras e vendas coletivas com comerciantes da região.

Assim, tinham medo, né. Às vezes eles comparava os sem terra como se fosse badernero, né. E aí que ninguém queria vim prá cá. Aí chegô minha veis na hora lá. Aí perguntô: “—Tem uma vaga em Aruega...” Aí perguntô se eu aceitava, né. “—Ninguém qué ceitá, eu aceito”. Aí eu vim pra cá.⁹

A professora, uma pioneira nos contatos com os integrantes de Aruega, demonstra o temor da maior parte dos profissionais da educação da região e como foi uma decisão fora do comum ter aceitado lecionar na escola do Assentamento. VD também salienta que a relação mudou, que hoje os contatos são maiores e melhores:

Tem. Agora tem. Muitas amizades. E depois o pessoal mostrô, com o passar do tempo, que os sem-terra não era nada do que eles pensavam, né. E ajuda até muita gente das comunidades vizinhas, né. Quando tem cursos o pessoal daqui convida prá eles participá. Eles participam. O culto, o pessoal das comunidades vizinhas vem participá é aqui. Tem muito contato. Leva uma mercadoria pra Novo Cruzeiro e vende, faz negócio¹⁰.

No entanto, VD também salienta que o preconceito continua nas representações de grande parte da Cidade, agora direcionando o status negativo para um suposto parasitismo dos assentados em relação ao Estado. Eles estariam interessados nos recursos advindos de projetos e não em produzir ou fazer a reforma agrária, colocando em questão a índole dos assentados e a competência para garantir a sustentabilidade econômica do Assentamento. A percepção de VD sobre a continuidade do preconceito nesse sentido fica clara no depoimento a seguir:

Eu vejo, assim, tem muita...tem alguns ainda...Não sei se é a maioria, não sei...Que ainda tem aquela visão que os sem-terra... olham mais o lado de projeto, né, pra ganhá dinheiro, né. Que não é nada de mexê com a terra. Tá muito tempo assim que eles não visa mais trabalhá com a terra, mas visa mais ta aí pra sê beneficiado com projeto do governo.¹¹

Essa transformação que discutimos vai ao encontro do que alguns estudos sobre estigmatização em assentamentos têm

⁹ Entrevista cedida por VD, 39 anos, professora de alfabetização em Aruega, no dia 7 de julho de 2005.

¹⁰ *Idem.*

¹¹ *Idem.*

demonstrado. Como afirmam Ferreira Neto & Doula (2003) em seu estudo sobre assentamentos mineiros:

“Apesar de os entrevistados afirmarem, de forma genérica, que a sociedade vem modificando sua visão sobre a reforma agrária, os estereótipos negativos ainda são utilizados como parâmetro para analisar uma relação de convivência particular, próxima e concreta” (Idem: 110).

Assim, podemos supor que o caso de Aruega não é exceção e que, a suposta inclusão social dos assentados é ambígua, pois, por um lado, os assentados não são mais vistos como um perigo iminente, pessoas capazes de cometer crimes horrendos e até comer gente. Essa visão seria insustentável depois de contatos por tantos anos. No entanto, a visão negativa sobre Aruega se desloca para outros fatores, que também supostamente colocam os assentados “fora” da moral da população da região.

Considerações finais

O caso específico do processo vivido em Aruega coloca algumas questões importantes para reflexão. Trata-se, primeiramente, de uma mobilização entre pessoas de várias localidades, marcadas pelo desenraizamento (RIBEIRO, 1996), visando formar uma nova comunidade, num processo de luta social ainda desconhecido na região. Como salientado no início, essa foi a primeira ocupação do MST em Minas Gerais.

A inserção desses trabalhadores rurais na localidade, no decorrer dos processos de ocupação, resistência e assentamento, teve contornos conflituosos em relação aos valores e relações de poder vigentes, ligadas à lógica tradicional, em que a luta pela reforma agrária era tratada como caso de polícia¹². Nesse sentido, outros fatores, que não somente os envolvidos na relação estabelecidos-outsiders, estavam em jogo nesse canário e devem ser levados em conta na busca pelo entendimento dessa realidade complexa.

¹² Foram marcantes nas entrevistas os relatos de como, nos primeiros anos de ocupação, as autoridades regionais se mobilizaram para lançar as forças policiais contra os assentados. Vários confrontos com a polícia foram narrados, principalmente nas tentativas, algumas vezes ilegais, de “despejo” dos assentados.

Porém, pretende-se ter demonstrado nesse trabalho como essa relação discutida por Elias contribui na compreensão das relações cotidianas e concretas entre assentados e a população estabelecida, desvendando a lógica do processo de estigmatização e parte de seus desdobramentos diante das transformações discutidas.

Como afirma Elias, no raciocínio já exposto anteriormente, na maior parte das vezes a variável referente ao tempo de socialização num lugar - que caracteriza a relação estabelecido-outsider - é obscurecida pelo entrecruzamento com outras variáveis, exigindo esforço para discerni-la e dimensionar sua relevância e implicações para os processos de relações sociais em curso.

Na trajetória de Aruega, percebem-se transformações no equilíbrio de poder devido, em grande medida, ao acúmulo de experiências conjuntas entre os assentados e, conseqüentemente, sua maior possibilidade em dirigir esforços coletivos sobre a política, economia e sociedade local (ZANGELMI, 2007).

Por outro lado, essa mudança silencia parte dos antigos estigmas, mas permite o deslocamento para novos, possíveis de serem legitimados na lógica atual dos valores da Cidade. Classificar, hoje em dia, abertamente os assentados como ladrões antropófagos não é cabível, porém duvidar de sua integridade no uso dos recursos públicos e capacidade em subsistir e prosperar autonomamente é um pensamento coeso em relação aos valores típicos da lógica de mercado atual.

A idéia de uma relação mais “amigável” presente nos depoimentos pode refletir uma estigmatização que se deslocou e ficou menos aberta - por ser mais reprovável frente aos valores amplos da sociedade moderna - e que permanece projetando uma identidade negativa para os assentados, como exteriores à moral local. Assim, prevalece a idéia de que Aruega tem uma moral deficiente, de pessoas que são menos amorais do que foram antes, mas ainda o são num novo sentido.

Percebe-se nos depoimentos também que aqueles assentados que interpretam as atuais relações como boas, amigáveis, são os menos conflituosos, menos críticos em relação aos valores locais. Os mais propensos ao embate, geralmente por sua maior ligação com o MST¹³, consideram que a relação mudou

¹³ Existem variações em Aruega em relação ao maior ou menos envolvimento de grupos de assentados em relação às atividades e ideologia do MST. Apesar de quase todos terem uma visão positiva sobre o movimento, alguns exercem uma

pelo interesse estratégico e dissimulado dos estabelecidos em conseguir apoio político e lucro econômico através do Assentamento.

Assim, podemos supor que o estigma é atualmente vivido de forma distinta pelos diferentes assentados: alguns buscando a conformação e, assim, a inclusão social junto aos estabelecidos; outros buscando transformar esse “social” de forma mais tensa, enfrentando esses valores pela força dos princípios e práticas do Movimento.

Essas reflexões nos levam a pensar a relação estabelecido-outsider como passível de reações diferentes no interior dos grupos, tendo aproximações e distanciamentos variáveis de acordo com a multiplicidade de fatores sociais que influenciam as pessoas. Assim, dentro de cada grupo, a postura dos indivíduos pode variar de acordo com outros referências sociais, mesmo que a importância da relação estabelecido-outsider tenha maior peso.

Outro ponto importante se refere às transformações ao longo do tempo nas quais, num novo equilíbrio de poder, possa haver - além da inversão do estigma tratada por Elias - o deslocamento deste para um novo sentido, mais fácil de ser legitimado em relação à valores em ascensão.

Com base nessas reflexões, pode-se perceber o grande valor do pensamento de Norbert Elias, em especial às reflexões sobre a relação estabelecidos-outsiders, para estudos concretos sobre processos sociais similares, nos quais grupos forasteiros se inserem em regiões já povoadas por grupos estabelecidos. Diante da propagação dessas situações na atualidade, a obra de Elias continua mantendo sua força como fonte de reflexão para o aprofundamento da compreensão sobre novas realidades concretas.

No que se refere aos assentamentos de reforma agrária, refletir sobre essa relação pode ser ainda mais relevante, principalmente por se tratarem de experiências inovadoras que envolvem vários atores - como representantes estatais, mediadores de movimentos sociais, trabalhadores rurais - e suas consequências sociais servem de base para futuras políticas públicas e ações sociais no campo.

militância mais intensa. Esse grupo mais próximo do MST exerce uma influência crítica sobre os hábitos políticos econômicos e sociais da região, tendendo a maior tensão e enfrentamento. Já os mais afastados dá lógica do MST tendem a aproximação como os valores locais, adaptando-se e evitando embates. (ZANGELMI, 2007).

Referências

- CHARTIER, R. Prefácio. In: ELIAS, N. *Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. *Estabelecidos e outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- Elias, N. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução: Pedro Sússekind; prefácio, Roger Chartier, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Introdução à sociologia*. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Edições 70, 2005.
- _____. *Escritos & ensaios: Estado, processo, opinião pública*. (Org. F. Neiburg e L. Waizbort), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- FERREIRA NETO, J.A.; DOULA, S.M. *Assentamentos rurais: organização, mobilização e imaginário social*. Visconde do Rio Branco: Suprema. Editora, 2003.
- RIBEIRO, E.M. (org.). *Lembranças da terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Contagem: CEDEFS, 1996.
- ZANGELMI, A.J. *História, Identidade e Memória no Assentamento Aruega - Novo Cruzeiro/MG*. Viçosa, 2007, 156p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa.